





D. Luciana de Abreu.

lith. de J. Alves Laitz

REVISTA

DO

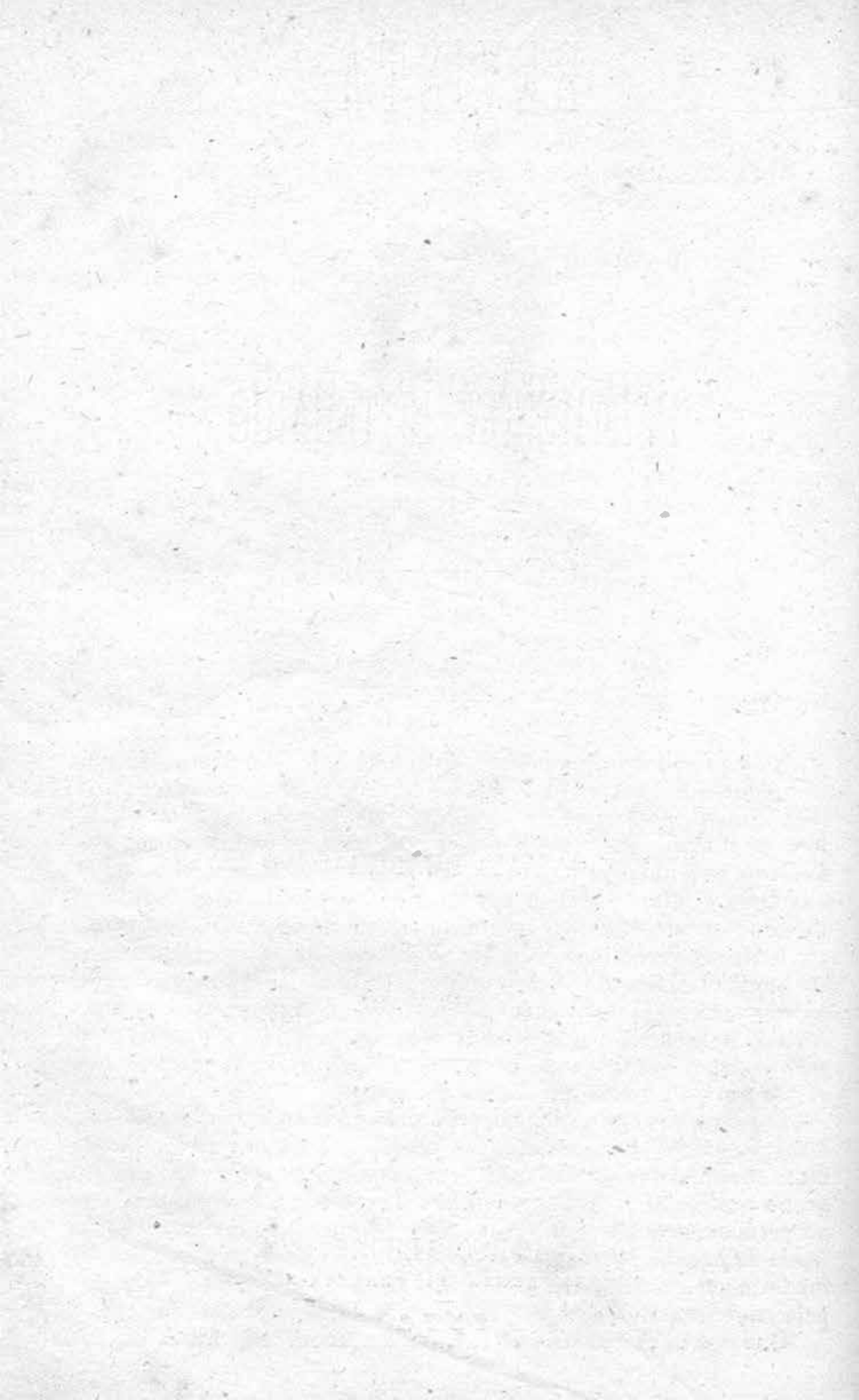
PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRO ANNO

MAIO DE 1874

PORTO ALEGRE
IMPRESA LITTERARIA

1874



ESBOÇO BIOGRAPHICO

D. LUCIANA MARIA DE ABREU

I

Ha seis mezes que a cidade agitou-se sob a impressão de um acontecimento inexperado. Almas entusiastas derão attenção á ideia e provocarão mais de uma demonstração em seu apoio, dando a medida do que vale a nossa sociedade e os caracteres que n'ella se desenhão. Uma moça, professora do 3º districto, subio á tribuna e fallou sobre a necessidade da educação da mulher e do caracter que ella deve assumir para melhorar nossos costumes.

A tribuna escolhida foi a do *Parthenon*, e a joven talentosa, D. Luciana Maria de Abreu, cujo retrato damos n'este numero da *Revista*, para perpetuar um facto que não póde deixar de honrar a cidade, destacando a associação que a acolheu e ouviu com enthusiasmo e admiração de entre as que existem já entre nós com o fim de promover o estudo das lettras

Dando o retrato de D. Luciana contamos animar as vocações: levar ao estudo serio muitas de nossas jovens que podem ainda fazer carreira nas lettras, nas sciencias ou nas artes; dar emprego no professorato á dignas filhas d'esta terra que ainda o pejo ou preocupações retem nos carcereiros sombrios do lar *pouco illustrado da familia*; dizer, em fim, que a mulher não é *uma cousa*, mas um ser intelligente, capaz do ensino e de fazer-se admirar pela contracção no estudo das sciencias e no trabalho das artes.

Que nos oução os pais de familia e tornem suas filhas dignas!

de respeito pela honestidade e pelo trabalho, pela perfeição da intelligencia e pela aptidão ás profissões — é o que desejamos.

Ha vinte annos que propomos na assembléa d'esta provincia a *educação da mulher* pelo trabalho, ha vinte annos que somos desouvidos.

Hoje que estampamos a effigie de uma menina que, desvalida, e sem nome, subio pelo trabalho e pelo estudo os primeiros degrãos do alcaçar das lettras e visa entrar com a fronte levantada no templo, quasi sentimos um prazer de benemerito triumpho sobre esses ignorantes que nos entravarão os passos de progresso com o sorriso estúpido do sarcasmo que tudo mata como o tempestuoso vento do *simun*.

Não será sympathico o busto da preleccionista — revelará mesmo uma precceca decadencia essa natureza de *vinte e sete annos*, dada ao trabalho e ao estudo, apenas illuminada pela terna affeição de mãe, mas seduz de certo a viveza dos olhos, a testa que se expande n'um grande pensamento, e sobretudo a modestia e honestidade que reina no seu todo, na composição do seu vestuario tão despretencioso como carente de enfeites. Vê-se ali apenas a cruz que lhe pende do collo, a cruz que o *Parthenon* lhe impôz como uma recompensa, talvez como um dever.

II

Era nosso pensamento, em 1854, crear na provincia *asylas* ou *collegios ruracs*, onde as meninas desvalidas fossem aprender além das primeiras lettras, o trabalho de fição e tecelagem, a creação do bicho da seda e fabrico do retroz, e as culturas especiaes do algodão, amoreira, a creação e educação dos carneiros e de outros animaes uteis, além do trabalho domestico e rural que as faria *bons esposas* para os lavradores. Começavamos preparando a mulher *agricola*, d'entre a mais importante e extensa classe da sociedade; passariamos depois á *mulher do operario*, como elle educada e dada ao mister das artes, mas intelligente e illustrada; e occupar-nos-íamos finalmente da mulher *agradavel*, não productiva, mas que ainda assim seria o honroso adorno da sociedade em que vivemos.

Empenhavamo-nos na educação feminina, porque para nós a mulher ignorante, frivola ou timida, sempre na dependencia do homem que a encara como um *ser caseiro*, é incontestavelmente pouco digno de figurar a par da cultura actual dos povos. Nós temos necessidade de caminhar moralmente e é a mulher o pharol que ha de levar-nos atravez dos desertos da vida; quando ten-

tarmos apagar-lhe a luz, tirar-lhe os meios de instrucção o de liberdade, nós cavamos os precipícios nas veredas que temos de trilhar. pômos-nos em trevas, em atra escuridão na vespera e dia da romagem.

Os que dizem que a mulher não tem necessidade de liberdade e de instrucção, dirião que seríamos mais felizes *escravos e ignorantes* e dirião outros quejandos absurdos e transviadas ideias. A' esses a compaixão, porque anda-lhes á roda a torva existencia d'alma.

Mas debalde quizemos. A nossa assembléa era composta de homens pouco dados aos negocios especulativos da sciencia, da moral e da economia politica; occupavão-se muito dos interesses de campanarios, e sem distincção de facções creavão pingues empregos, afagavão os *interesses* do funcionalismo, acodião pressurosos aos reclamos de *edificações de capellas*, e gastavão o tempo em fallar sobre o que se discutia nas aldeias em vespera de eleições que importava o capricho ou ignorante presumpção dos campangas eleitoraes.

A patria ficava de lado, sem que todavia deixasse de pagar as despezas parlamentares, as custas constitucionaes. E erão esses os que recebião as ovações, porque erão os que afagavão os interesses inconfessaveis dos *homens publicos*.

Nós que queríamos a *educação da mulher* eramos utopistas, e rião-se os ignorantes ou máos cidadãos do nosso patriotico empenho.

A instrucção era uma sinecura dada a homens de partido, especuladores sem coração porque nem ao menos tinham a consciencia de seu pouco saber e incapacidade, e abusavão maleficamente da influencia que podia ter o inspector geral d'esse ramo da administração na moral publica, no adiantamento dos povos..

E' verdade que chegamos a desacoroçoar, — que nos julgamos impotentes ante essa torpe desmoralisação, e nos perguntamos quando seria que homens intelligentes e honestos tomassem o timão na direcção d'esses negocios, o que até hoje estamos por ver respondido.

Não cessamos comtudo de clamar em favor da instrucção, da educação da mulher, e subindo D. Luciana á tribuna do *Parthenon*, á nosso pedido, satisfez-nos o coração expondo doutrinas que a civilisação aconselha, que nutrimos e alimentamos pelo estudo e pelo exame moral que fazemos de nossa sociedade.

III

Luciana Maria de Abreu, teve o seu nascimento no municipio de Porto Alegre em 11 de Julho de 1847. Filha de pais incogni-

tos, foi exposta na roda da Santa Casa de Misericórdia, d'onde passou para casa de Gaspar Pereira Vianna, guarda-livros da casa commercial de Porto & Irmãos. Terminando ali a sua criação por conta da Misericórdia, ali ficou amada como filha e como tal tratada e educada até o seu casamento com João José de Abreu.

Bem cedo mostrou sua aptidão para o estudo, e sua vivacidade e judiciosas respostas tornarão agradável sua presença entre muitas familias que apreciavão sua convivencia de creança e previão seu adiantamento futuro nas lettras. Do numero d'essas contava-se a do commendador Israel Soares de Paiva, cuja sobrinha a levou ao christma e como madrinha a tomara sob sua protecção. O commendador mostrava-a em sua casa sempre concorrida aos seus convidados como um pequeno portento, fazendo-a recitar discursos e poesias com geral admiração.

A menina Luciana tinha um precoce desenvolvimento. O bom do guarda livros ufanava-se com isso, e bem cedo levou-a á *escola regia*, como chamão á aula nacional do districto. A professora, D. Miquelina Ferrugem inscreveu-a no livro da aula no anno de 1854, e disse-nos um dia em que tratavamos dos seus triumphos — *aquelles olhos não me enganarão; estimo ainda a minha discipula.*

A escolar estimada foi terminar seus estudos primarios, quando a professora aposentou-se, com D. Henriqueta Andrade, fazendo exame final em 20 de Dezembro de 1859, sob nossa presidencia, na qualidade de inspector geral da instrucção publica.

Nós apreciamos o seu exame, e D. Luciana apresenta hoje o seu diploma de *escola* com a nossa assignatura, talvez sentindo ainda as emoções do justo louvor e animação que no momento lhe dirigimos.

A escolar que terminára com proveito e louvor os seus estudos, continuou na aula na qualidade de ajudante á pedido da professora, e assim servio gratuitamente dois annos, prestando-se com assiduidade, e geralmente presada das alumnas.

A joven professora Luciana amava os livros, pedia-os e lia-os com avidéz e aproveitamento. N'este empenho servia-a com prazer seu adoptivo pai, o dedicado guarda-livros que, na carencia de bibliothecas publicas, os obtinha de seus amigos, quer fossem romances, quer de historia, geographia, religiosos ou politicos; nem elle os podia escolher, por isso o alimento que dava ao espirito da sua educanda era, ainda que não substancial, variado e agradável. Um dia a menina traçára, ou esboçára os primeiros capitulos de um romance, sua imaginação excitada por essas leituras creava algumas ideias e ella ia expô-las, coordenal-as, quando alguem, em vez de animal-a, trouxe á tela do ridiculo a tentativa infantil: é que havia n'aquelle cabeça a capacidade de

produzir — a intelligencia ali era capaz de ser educada e dar fructos proveitosos. Por algum tempo algumas invejosas d'entre as suas companheiras a apellidavão — *a romancista*.

Suas qualidades moraes, seu amor ao trabalho, o reconhecimento que dava aos que a havião creado e educado, se tornavão conhecidas, e um moço da visinhança solicitou a sua mão. Contrahio nupcias com João José de Abreu, empregado municipal, em 28 de Setembro de 1867.

Depois de casada, já mãe de uma menina, foi que vio crear-se e abrir-se na provincia a escola normal; podia ter mudado de ideias, mesmo os seus novos deveres a poderião ter afastado da vida litteraria, da tendencia para o estudo; mas longe d'isso, foi das primeiras a matricular-se como alumna d'essa escola, onde colheu os louros devidos á sua applicação e aptiúdes. Matriculou-se em 1869, obtendo o diploma de professora em 1872. Seus lentes forão contentes na opinião que derão acerca do seu merecimento, e o de mathematicas a collocava sempre nos primeiros lugares.

Em seguida á terminação de seus estudos profissionaes, oppôz-se á cadeira publica da rua dos Voluntarios da Patria, que não obteve. apesar do seu triumpho incontestado no concurso, ficando-lhe por isso a inveja, a inimizade dos favorecedores de sua contendora, além da injustiça que a reduzio ao simples papel de *adjunta* da 2ª aula do 1º districto, que exerceu por algum tempo.

Em 2 de Maio de 1873, foi finalmente provida na 2ª cadeira publica do 3º districto da capital e entrou em exercicio em 19 do mesmo mez, já com 25 alumnas matriculadas. O prazer de ver isto não coube ao prestante guarda-livros, que já havia baixado ao tumulo, victima de uma affecção hepatica. A professora, a menina que troucera em seus braços e que amava como filha, chegára ao termo que elle tanto almejava, e para a obtenção do qual tanto havia despendido de desejos e de passos junto á seus amigos.

E' recente a sua nomeação para a cadeira do 1º districto, e o lugar não lhe podia ser contestado, tal é o nome e a fama de professora intelligente e dedicada que lhe aureola a fronte.

Digna rio-grandense, ainda que não favorecida da fortuna, mesmo sem familia, subio os degráos do saber e da honra, pelo trabalho no estudo, e pela reverencia aos bons costumes e moralidade publica.

Continúa.

A TAPÉRA

VI

(ROMANCE)

Depois o encontramos de volta.

Em sua auzencia passava a morte pelo scenario tão bello, tão risonho e tão feliz!

Como?

Elle mesmo o não sabe, de certo.

Commetteu-se um crime, fizerão d'uma alegre e aprazivel vida uma solitaria tapera.

Eis a verdade.

Vimol-o no laranjal, agora encontral-o-hemos junto a uma touça de botiazeiros.

E' um sitio, onde o industrioso cupim, como o egypcio ou o tolteca, tem levantado pyramides que, exprimindo insano labor, hão de sobreviver-lhe por longos annos.

Elle fallava com suas recordações:

— Eis mais um lugar caro a meu coração! Tão breve lapso, e como mudarão meus sentimentos! Despedimo-nos aqui... Despedimo-nos, choramos ambos na esperança d'uma separação momentanea... e era pela ultima vez! O homem é bem mesquinha creatura! Affadiga-se hoje para colher amanhã, e o dia seguinte é um sudario, um tumulto, a saudade! De que valem chimeras, sonhos da vida, se não pudemos ter certeza do minuto que a pendula vai medir? Se tudo é incerto, tumultuoso, pávido como as vagas do oceano? E o homem julga ser o rei do mundo nas oscillações d'uma existencia que vai após um futuro ignoto e sem

fundamento! após uma visão de bonança e repouzo sobre a terra, quando, sem esperal-o rola nas fauces d'um abysmo sem raias: — a eternidade!

Miseravel rei! ludibrio constante d'um phantasma que sempre recua a seus abraços e sempre o attrahc: — a esperança!

A vida?! A vida com uma consciencia é o maior infortunio que uma natureza, um individuo póde arrastar... é um fardo, um pezadelo medonho! Se fosse só o remorso!?! não era nada, bastava a virtude para desterral-o. Mas a inconstancia, o perpetuo vascillar dos calculos humanos, mesmo nas mais diminutas parcellas do tempo, é horrivel, é horrivel! Felizes o cão e o cavallo porque não nutrem senão os sentimentos do presente, não acódem senão á voz do instincto; porque não se movem entre o passado e o futuro, soffrendo amargas attribuições e negros desenganos; porque não tem ideias, aspirações de glorias mallogradas a cada passo e renovadas sempre! Felizes elles a quem o espectro da morte nunca surge ao pensamento!

VII

A tarde cahia!

O céu era limpo, sem um capulho de nuvem.

Ali a natureza só estremecia a rama ao doce bafejo de mansinhas auras, o passaro desprendia a volata retirando-se ás guaridas frondentes, e as aguas do Itapuy balião, espreguiçando-se junto ás barrancas.

A' distancia o ar repercutia aos latidos de um cão, que pouco a pouco ião-se tornando mais proximos e distinctos.

Paulo sentado na ourela d'um rincão scismava. Não recebia no fôro intimo a repercussão dos rumores externos. N'um illapso divino só o mundo dos espiritos absorvia-o, só Deus, e talvez a alma de Laura esfrolavão-lhe o coração que arfava entumecido de suspiros e lagrimas.

Um cão pulou sobre elle a ladrar raivoso, mas, reconhecendo-o, de subito retouçou a seus pés.

— Cruêra!... Cruêra! gritou um velho negro arrimado a um bordão, chamando pelo animal. O senhor perdôe...

Paulo encarou-o.

— Miguel! exclamou admirado.

— Capitão! disse o africano, procurando com os olhos myopes pela idade lobrigar o moço, a quem conhecera pela voz.

Paulo, abraçando-o, repetia:

— Ainda vives, Miguel?! E's o mesmo... e o mais mudou!

— Não lembre, capitão... Vi tudo com esses olhos que a terra ha de comer. Pobre senhora moça!...

— Sim... sim... Vamos... Cruêra! Cruêra! E tomou o moço pela mão.

Vê este risco branco no capim da varzea?

— Vejo.

— Minhas alpargatas o fizeram, vindo todas as tardes.

— Aonde ias?

— Vai ver. Vamos por elle.

E ambos embeberão sob os passos a beta com que o continuo tranzitar cingira o campo.

Meia hora depois chegarão a um capão.

Uma exigua lymphá derivava. Algumas arôceiras crescião ao pé da fonte, debruçando a ramagem sobre as aguas. A' sombra d'ellas estendia os braços uma cruz toscamente feita.

— Ella dorme aqui, murmurou o negro com a voz entrecortada.

— Laura?!

Elle apenas menciou a cabeça affirmativamente.

Ambos cahirão de joelhos sobre o tumulo.

As lagrimas borbotavão aos tufos.

Cruêra uivava lugubrememente, ouvindo-lhes os soluços.

A mata desprendia mystica melopéa.

A almada gentil menina, por ventura, estreitava a [ambos n'um divino amplexo.

VIII

Depois que marejarão os olhos, acalmou-se mais o espirito de Paulo. O pranto é o consolo e o anodyno para as grandes feridas.

Sentou-se perto do tumulo e ouviu a narração tragica dos ultimos acontecimentos, feita pelo negro, que, entre angustias, evocava o passado.

Eis, sem a phrase pittoresca de Miguel que seria difficil trasladar para aqui, os successos posteriores á retirada de Paulo.

Foi n'uma noite terrivel. O relampago lambia a terra e o trovão detonava incessante.

Margarida e Laura aos pés da Senhora da Conceição oravão constrictas e apavoradas.

De repente as portas da casa cederão esboroadas á coronha d'arma.

Erão os imperiaes.

Entrarão em torvelinho como a enchente que invade o jurão.

Começou o saque.

Procurarão os moradores da choupana.

Forão encontral-os em genuflexão diante da imagem, e tão distrahidos que nem sequer tinhão ouvido o menor ruído, além do temporal desfeito.

Quando as duas mulheres forão surprehendidas, Laura com impulso rapido extinguiu a candeia. Mas já era tarde.

Margarida cahio exangue com o cranco partido.

Laura animada de sobrehumana energia, divina porque o pudor a escudava, forte pela lembrança dos manes paternos e do amante que combatia em prol da mesma causa, tomou de sob o travesseiro fina e acicalada lâmina, e abrindo a janella, anegou-se na treva que envolvia o campo.

Isto foi com a celeridade do pensamento.

Os algozes gritavão :

— A' muchachita!

— A' cachopinha!

— Luz! Luz!

Quando Miguel chegára a este tópico, Paulo estava de pé, com o olhar fulminante, as faces contraídas, os punhos crispados.

O negro fel-o sentar de novo e proseguiu.

Um dos sicarios de olbar de lynce seguira a victima até a entrada do laranjal. Alcançando-a, segurou-a pelo braço, mas a audacia foi castigada sem demora. Sentio a mão trespassada por um ferro vibrado virilmente.

— Deixe-me, deixe-me, balbutio Laura, offegante da carreira e do susto. Deixe-me, por Deus! por sua mãe! Que lhe fiz eu?

A voz argentina e meiga, supplicando, o sangue que escorria abundante do ferimento, mais agularão o instincto do monstro.

— Gaifonas, menina!... Vamos lá... que ha de você agora fazer? Você é minha, muito minha... e póde ser de todos também.

Eu quero protegel-a...

— Por piedade!

— Qual piedade! Isto não é genero em tempo de guerra...

Um medonho trovão que concutio o laranjal e os arredores, abafou-lhe a voz.

A moça se arrancára ao amplexo brutal do mercenario.

— Ah! quer brincar comigo? Vamos a ver quem joga melhor a cabra cega; ha de ser á força, ajuntou o infame, surdo ao ameaço celeste. E procurava Laura, tacteando.

Ouvio-se um debil gemido e o ligeiro baque d'um corpo.

O céo illuminou se a varios lampejos consecutivos e esclareceu a scena.

O que desvendou-se da escuridão?

O soldado com os braços estendidos em busca de Laura : esta agonizante, tendo a faca cravada no coração até o cabo : refugio no suicidio em defesa da honra ; e, acompanhado de Cruêra, Miguel, que, rugindo com a voz estrebuxada pela raiva : Sim, ha de ser á força ! abatia simultaneamente o verdugo com certo golpe de machado.



IX

Paulo ouvira o resto da narração com a immobilidade d'um rochedo. Ninguém lhe poderia aprofundar o pensamento n'aquelle instante. Dir-se-ia a estatua que ouve, o louco que reconcentra-se para procurar no fôro intimo a ideia que foge insistente, e elle no entretanto esforça-se por arrancar-a das vagas reminiscencias

E' que nas crizes dolorosas da vida humana ha intersticios, em que a consciencia sossobra. São sempre resultado de grandes abalos moraes essas obliterações do ser pensante. A personalidade se extingue, como a unica flôr d'uma moita que o tufão esfolhasse, como o unico brandão do templo que se apaga, como a pérgada n'um combro do arcial. E a moita fica sem matiz, o templo sem luz, e o arcial sem vestigio. Se o homem então levanta-se, caminha, falla e obra, não é mais homem, é a alimaria movida pelas exigencias do instincto, o titere animado pelo mechanismo.

Se tal estado perdura, se não é um periodo de intermittencia, temos a loucura : a morte da razão e da actividade livre.

Paulo sobreesteve assim por quasi uma hora. Depois foi como que acordando.

Duas lagrimas, bemdictas lagrimas ! se pendurarão dos cillios e regarão aquella terra, que elle um dia julgou da promissão. Estava em face do copé solitario e mudo. Inconscio viera ter ali.

No jorro do pranto extravasou a magoa concentrada, que podia fulminal-o, se não encontrasse uma valvula.

Miguel em vão o chamava, apalpando com o extremo do bordão o terreno.

O sargento e os companheiros, ao cahir da tarde, forão procural-o, e não encontrando-o, cruzavão em todas as direcções.

Um d'elles aventurou-se a dizer :

— Pelos modos o capitão acaba maluco.

— Qual ! Aquillo é paixão ! paixão que tambem ha de estourar-me ! por estes mandembes carrasquentos ou no fundo de al-

gum socavão, respondeu André. E para consolo atirou-se ás beijócas com o borrachão que trazia á cinta.

André era uma d'estas naturezas capazes de todas as virtudes e abnegações, como dos vícios e crimes mais degradantes. Sua intelligencia não tinha o necessario acumen para compenetral-o do bello pensamento politico de tornar o Brazil um estado federativo; mas Paulo, a quem o prendia espontanea e sincera sympathia, seguia o partido que pleiteava aquella doutrina nos campos de batalha; portanto o que Paulo seguia, era bom e justo, o ideal na terra para André.

Ser farrapo, rebelde ou sedicioso. ás deveras, como então chamavão aos federaes, foi seu sonho de todos os dias.

X

Paulo voltára á modesta alcova que outr'ora Laura tinha habitado.

Diante do registro da mãe de Jesus, estreitando contra o peito a bandeira da extincta republica rio-grandense e o flaccido ramo de flores de laranja, sacros amulectos do passado, dizia :

— O' santa, a quem Laura adorou, intercedei por mim a Deus. Não posso mais viver... O que me resta agora sobre a terra? Em nome do rei roubarão-me um pai extremoso, a patria amada, e a propria noiva, ultima raiz que me prendia a este solo ingrato... não posso mais respirar aqui... Vou matar-me, vêde, mas não é cobardia... Affrontei mil vezes a morte em defesa das liberdades do Brazil, sem temel-a jámais... Intercedei por mim, ó santa!

O sol antes de desaparecer nas dobras do horisonte veio beijar-lhe a face pallida e humida de prantos.

Paulo voltou-se para elle :

— Adeus, disse, esplendida manifestação de Deus, fonte das alegrias da terra! E' a ultima vez que te vejo... vou partir... para além... muito além!... E amei-te, ó sol!... Eras tu que esclarecias a paysagem em que Laura vivia, que desenvolvias as graças de seu porte mimoso, emfim me mostravas a innocencia de sua alma pura como os raios de teu diadema... Adeus, ó sol, morrendo te saúdo, como nos prosperos dias de minha vida.... Adeus!

Depois fitou as carangueijeiras sobre o muro, como negras manchas que cauzão horror; porém, para as quaes elle sentia uma attracção fatal, irresistivel, como a navè para o sorvedouro, como a bussola para a estrella polar. Era a embriaguez, a fascinação

do suicidio. Lento e lento foi se approximando com o passo firme de um somnambulo, como um automato. Parou contemplando-as ainda com olhos namorados, com volupia intima que vinha se espalhar na physionomia serena e doce. Com um movimento rapido tomou duas das terriveis aranhas e occultou-as no peito. Foi com a presteza do pensamento. Durante dois ou tres minutos correu-lhe por todo o corpo, como uma vasca ou um accesso de epilepsia. O seio arquejava, o rosto crispava-se em contorsões de agonia... Tambem isto passou. Expressão divina veio inundar-lhe os traços.

Envolveu-se na bandeira de sua crença, e apoiado ao peitoril da janellinha contemplou o crepusculo uma vez ainda.

A brisa trouxe uma lufada olente.

O sol fiseou mil scintellas de oiro nos ultimos lampejos do occaso.

Elle, beijando as flores de laranja, balbuciou :

— Sol... leva-me n'um de teus raios.

E pendeu a frente.

Estava morto.

IRIEMA.

1869.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

CORONEL ANDRÉ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

O grave e difficil cargo a que tão mercedamente fôra elevado o tenente coronel Bello, ampliou-se com a immensa e multipla responsabilidade da guarnição d'esta capital, onde parecião aguardal-o os melindrosos acontecimentos que pouco tardarão a sujeital-o a dura prova.

Erão, porém, de subido quilate o prestigio e o merito de tão distincto militar e assim, os resultados quasi funestos d'esses acontecimentos, providencialmente contribuirão a augmentar os honrosos fastos de sua gloriosa carreira militar.

● exacerbamento popular, aliás justificado, contra a typographia do *Deutsche Zeytung* deu-nos exuberante e brillantissima prova da firmeza e disciplina do 4º batalhão de infantaria e da abnegação, valimento e energia do seu illustre commandante, que não só salvaguardou aquella imprensa, como garantio a colonia allemã d'esta capital dos perigos a que a expoz a inconveniente imprudencia d'aquelle jornal, que provocon a indignação arrostrando as consequencias de um desforço patriotico.

A attitude condigna que manteve n'essa critica emergencia, e conservou sempre o batalhão sob seu commando, merecerão-lhe as inequivocas demonstraões de sympathia, confiança e apreço que tão eloquentemente se patenteavão não só na expressão official, como na manifestação expontanea e esplendida da municipalidade e população d'esta capital no dia 18 de Fevereiro de 1869, quando embarcou para Santa Catharina, por occasião da não menos celebre questão ingleza.

É esses encomios, essas honrosas demonstraões de apreço

não erão factos raros, isolados, mas a continuação de uma serie longa e ininterrupta que se encadeava harmonica desde o seu primeiro dia de praça, e a que logo se juntou o aviso do ministerio da justiça de 19 de Junho d'esse mesmo anno, pelo qual S. M. o imperador mandou louval-o e a seus commandados, por occasião do funeral do bispo do Rio de Janeiro, o illustre conde de Irajá, de saudosa memoria

Por decreto de 30 de Maio do anno seguinte foi-lhe concedido o fôro de fidalgo cavalleiro com exercicio na casa imperial, tendo antes sido transferido do 4º para o 3º batalhão então estacionado n'esta capital.

Logo após ter assumido o commando desencadeavão-se os tremendos acontecimentos da noite de 16 de Abril de 1864, em que foi illustre protogonista, no acto da escolta e conducção á cadeia do famigerado facinora Ramos e sua hedionda complice, arcando prudente, firme e dignamente contra o furor da populaça que arremetia a escolta, querendo arrancar-lhe esses dois horrendos monstros para estrangulal-os, vociferando e apedrejando a tropa, que mantendo o principio da autoridade, era obrigada a defender esses ferozes e miseraveis assassinos.

N'este tempo termina com o ultimatum Saraiva a anti-politica e fatal negociação do Rio da Prata. A diplomacia apoia os seus considerandos com a intervenção armada, o direito das gentes cede o passo ao direito da força e inicia-se logo a campanha do Estado Oriental, que vem arrancar para sempre, em sua vertiginosa e fatal desenvolução, o denodado commandante do seio da patria, da familia e dos amigos para os campos de batalha, para o seu horto de amarguras, para a consagração de seu heroismo e para esse tumulo em cuja lapa tosca e humilde a justiça da historia inculpado indelevel o glorioso epitaphio do heroe-martyr.

Abertas as hostilidades o anno de 1864 esvaece na asphixiante penumbra do fumo dos canhões bombardeando Paysandú, e o de 1865, surge aos clarões do fogo que rola incessante cincoenta e duas horas, e ao estrugir dos hymnos da victoria saudando o pavilhão de Cruzeiro que so desfralda galhardo sobre as ameias derrocadas da Badajoz americana!

N'essa memoravel pagina da historia militar do continente sul do novo mundo, onde avultar o mais heroico feito, onde se destacar o mais brilhante episodio avultará, destacar-so-ha em brilhante relevo a nobre figura do imperterrito guerreiro, cuja historia tão incompetentemente narramos.

Não o encontramos, é facto, e bem dolorosa nos é esta revelação, nas partes officiaes do commando em chefe, porque d'ahi uma mão fatal o proscreeu, como o de tantos outros, esse nome illustre, vno ue d'ellas o apagou o simoun das paixões politicas,

para preencher esses gloriosos claros com as sombras que o validismo projecta. . . E mais ainda a odiosidade mesquinha, que não trepidou em affrontar os sagrados preceitos da verdade e da justiça, tenta macular esse nome preclaro, salpicando-o com o sangue do heroico Leandro Gomes, o prisioneiro de guerra, que rende a espada com honra, que se entrega com fé na magnanimidade, e crença na palavra do vencedor, e que o instincto sanguinario, o odio brutal e feroz da caudilhagem assassinou barbara, infame e covardemente, lançando uma offensa atroz á face da civilisação, da humanidade!

Victima de tão graves e dolorosas injustiças o nosso biographado requer que o submettão a conselho de guerra, pede-o para justificar a parte que dera, e que não apparecera, insta para que o julguem. . . e a morte veio arrebatá-lo muito tempo depois « com fome e sede de justiça », na phrase do Evangelho.

E no entanto sua justificação estava evidente! Em documentos que temos sob os olhos, Osorio, Flores e Tamandaré, esses tres brilhantes signos do zodiaco militar ao sul da America, essa trilogia heroica, que o exercito e a armada venerão com quasi idolatria, esses tres grandiosos e competentes juizes a tinham proclamado; e ella estava pela prova testemunhal e pelo julgamento da consciencia reconhecida por todo o exercito.

Mas a vingança exerceu-se e magoou profundamente aquelle integro e nobre espirito. . . é que sobre a farda do imperterrito soldado estava a alma de um grande cidadão. . . é que em suas arterias percorria ardente o mesmo sangue que affluia ao coração do mallogrado Desembargador Bello, e ferido aquelle, este sangraria dolorosamente. . .

Este animo varouil, porém, se não abateu nunca! Promovido a 22 de Janeiro de 1866, por antiguidade, a coronel, vimol-o transpor o Paraná commandando uma brigada, a 5^a da 3^a divizão, empenhar-se no primeiro combate dado em territorio paraguayoso e como n'esse no do dia seguinte e em todos aquelles que se succederão, enquanto lhe esteve confiada a vanguarda do exercito do Itapyrú até o Passo da Patria.

Vimol-o a frente dos batalhões 3^o e 35^o atacar e tomar as trincheiras inimigas da Linha negra; fazer a marcha de flanco de Tuyuty á Tuyu-cué, e empenhar-se nas memoraveis batalhas de 2 e 24 de Maio, de 16 e 18 de Julho, por cujos feitos brilhantes foi por decreto de 17 de Agosto de 1866 condecorado com a commenda e por outro de 13 de Abril de 1867, com a dignitaria da imperial ordem da Rosa.

O terrivel flagello aziatico abraça no fatal amplexo em que cingia as hostes da alliança, o heroico coronel, e innocula-lhe nas fôbras o virus lethal, contra o qual a sciencia não teve antidoto,

quando elle expando-se a metralha inimiga esperava que os seus estilhaços traçassem no peito da farda as palmas d'ouro do generalato.

Atacado pelo cholera morbus na villa do Pilar no dia 16 de Novembro de 1867, ás 11 1/2 horas da noite de 17, despe a tunica de Dejanira, e ala-se, com a gloria de um nome que a patria pranteia, á mansão dos justos.

Assim finou-se no dorido catre pestifero o soldado benemerito de cuja bocca se poderião ouvir as memorandas palavras do immortal patriota Antonio Carlos :

« Eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brazil. » 1

J. BERNARDINO DOS SANTOS!

Porto Alegre, 16 de Fevereiro de 1874.

1 Discurso pronunciado pelo conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva na sessão da Constituinte de 10 de Novembro de 1833.

PARECER

SOBRE A THESE HISTORICA

A INVASÃO PARAGUAYA NA PROVINCIA — É JUSTIFICAVEL?

A invasão paraguaya na provincia é uma das paginas salientes d'esse grande drama de sangue, que por espaço de seis annos trocou o verde esmeraldino das campinas do sul da America meridional, em um vasto estendal de purpura.

A civilização moderna impoz ás gerações coevas das tres nações alliadas que tizerão a guerra do Paraguay, não só a desaffronta de seus brios nacionaes feridos violentamente, como tambem a quêda de um governo cuja existencia era não só um ultraje ás instituições democraticas do solo americano como um vituperio atirado á face dos principios progressistas e adiantados do seculo XIX.

O tributo de vidas generosas, que as tres potencias pagarão com prodigalidade nos campos de batalha, vierão mais uma vez confirmar essa grande verdade proferida por Proudhon : « Que as grandes ideias necessitão de um grande baptismo — o do sangue ».

O viajor que percorrer o Paraguay de hoje, arrancará do fundo d'alma uma exclamação de dôr ante as ruinas que ahi campeião e que o perpassar de um seculo jámais poderá apagal-as, e das ossadas humanas que branqueião nos paúes d'essa terra inditosa que a natureza fadou para uma melhor sorte.

Após o viajor virá a historia contemporanea, urna sagrada que recolherá as cinzas venerandas que symbolisão uma grande epo-

cha da humanidade, para no futuro contar aos posteros as boas e más concepções das gerações de hoje.

A historia que não se arrasta por impressões fará resaltar d'esse cháos criado pela guerra e d'esse territorio povoado de phantasmas, duas verdades historicas que serão para os povos vindouros lições proficuas bebidas na fonte da experiencia.

A historia dirá por nós — na posteridade.

As ruinas que campeião aqui, são os marcos de bronze que o despotismo desenfreado deixou em sua passagem devastadora, porque a tyrannia é como o vendaval, quando não mata — destróe.

E as ossadas humanas que alveção nos paues são as arcadas onde repouza o magestoso monumento que a civilisação ergueu á liberdade paraguaya, remida nas agnas dos jordões de sangue nos campos de batalhas.

Antes de fallarmos sobre a invasão na provincia julgamos de nosso dever fazermos um leve esboço das cauzas que motivarão a guerra do Paraguay.

Achando-se a propriedade e a segurança individual dos brazieros residentes na republica do Estado Oriental á mercê das paixões politicas que em meizados do anno de 1864 tinham chegado ao maior auge n'esse desgraçado paiz, victima continua de abalos sociaes, vio-se o governo brasileiro obrigado a fazer justas reclamações em face dos direitos de seus compatriotas violentamente lezados pelas tropelias feitas pelos proprios defensores do governo legal.

Forçado por circumstancias imperiosas o Brazil dirigio ao governo de Aguirre no dia 4 de Agosto, por intermedio do seu embaixador o Sr. Saraiva, um ultimatum exigindo a indemnisação dos prejuizos causados á propriedade brasileira garantida no territorio oriental pela boa fé de mutuos tratados.

Foi concedida á resposta o praso de seis dias, que o governo Aguirre não deixou expirar, antecipando no dia 9 do mesmo mez razões que de maneira alguma podião ser accitas.

No dia seguinte ao da contestação do governo oriental á nota brasileira, o embaixador Saraiva deu por finda sua missão diplomatica, deixando ao barão de Tamandaré a plena liberdade de appellar para o direito das represalias.

A 22 de Agosto o conselheiro Saraiva e o ministro das relações exteriores da Confederação Argentina assignavão em Buenos Ayres um protocollo em que ambas as nações garantião reciproca-

mente a independencia e integridade da republica Oriental conforme os tratados existentes.

Este protocollo era o mais forte argumento em prol da lealdade brasileira, que d'esta fórma fazia desaparecer as ideias de conquista que os inimigos do Brazil aleivosamente lhe imputavão.

Assim não foi ella como tal apreciada pelo governo do Paraguay que a 30 de Agosto enviou ao nosso ministro ahi residente uma nota, declarando considerar qualquer occupação do territorio oriental por forças imperiaes, como attentado ao equilibrio dos estados do Prata e que protestava contra tal occupação.

O governo paraguayano não conformando-se com as justas e razoaveis explicações do ministro brasileiro residente em Assumpção, ao mesmo renovou em 3 de Setembro o seu protesto de 30 de Agosto.

Com esse protesto D. Solano Lopes queria assumir o papel importante de arbitro dos destinos politicos das nações da America do Sul, e sem mais preambulos que justificassem seu proceder insolito em 12 de Novembro aprisionou com a brutalidade de pirata o vapor mercante do Brazil *Marquez de Olinda*, que á sombra da paz viajava aguas paraguayas com destino á provincia de Mato Grosso. N'esse mesmo dia que feria com todo desplante de salteador os mais sagrados principios do direito internacional o dictador Lopes dirigio sua declaração de guerra ao Brazil e em Dezembro d'esse mesmo anno arremessou sobre o territorio do Mato Grosso suas legiões de barbaros fanatisados pelo prolongado despotismo de 51 annos.

Só a 26 de Janeiro de 1865 foi que o governo brasileiro lançou seu manifesto expendendo os motivos imperiosos porque era forçado a appellar para o recurso das armas na luta provocada pelo dictador Lopes.

Taes forão no referido bosquejo que fizemos, as primeiras paginas d'esse grande livro politico que escreveu seu primeiro capitulo a vontade absoluta de um tyranno, quebrando a seu bel prazer a fé de tratados legaes, e fechou seu ultimo periodo a bravura e heroismo dos batalhadores de Aquidaban.

No momento em que fechamos o breve summario dos acontecimentos que fizerão nascer a guerra do Paraguay, julgamos necessario fazermos algumas considerações sobre o local onde vai apparecer essa invazão selvagem, que veio recordar em nossos

dias aquellas que sepultarão com as ruínas do imperio romano do occidente a bella e adiantada civilisação da antiguidade.

Ainda hoje, que quasi oito annos separão-nos d'essa epocha inditosa, o tempo e o trabalho não poderão apagar de todo no solo missioneiro a pizada cruel do soldado paraguayo.

Estigarribia veio provar nas planicies rio-grandenses, á plena luz da civilisação hodierna, como o despotismo podia reviver as scenas degradantes da invasão hunica do V seculo aos olhos da Europa attonita e horrorisada.

Attila não queria que crescesse a herda onde seu cavallo houvesse passado, Estigarribia como o cruel barbaro da idade média sentia-se irritado diante do penacho de fumo das choupanas que povoão as campinas rio-grandenses.

Mas digamos com pezar aquillo que a verdade não pôde occultar: a invasão do territorio rio-grandense não foi mais do que filha da proverbial incuria do nosso governo de então.

Deixemos que por nós faillem os factos.

Desde muito que os espiritos entendidos na materia reconhecerão a importancia militar da fronteira do Uruguay e muitos de nossos homens de estado os acompanhavão n'esta opinião.

Opinião que alguns governos anteriores ao que então achava-se com o encargo da guerra compartilharão e prestarão alguma attenção em tempos não remotos.

Desde a conquista das sete Missões Orientaes do Uruguay o nosso governo reconheceu a fronteira do Uruguay de summa importancia, e entregou o seu commando a officiaes de linha de não vulgar bravura e intelligencia.

Se não ergueu fortificações ao menos conservava quasi sempre forças de linha que estacionavão em S. Borja, ponto mais accessivel a um ataque offensivo como bem o demonstrou a invasão de 1865.

Em uma epocha não distante da que tratamos, em fins do anno de 1857 e principios de 58, temendo o Brazil um rompimento com o Paraguay, enviou para a villa de S. Borja uma brigada de linha ao mando do coronel Sampaio, á qual foi encorporada toda a guarda nacional da comarca que achava-se destacada. Não satisfeito com isto collocou ás margens do Ibiculy uma divisão de seis mil homens ao mando do marechal Pereira Pinto completamente preparada para entrar em campanha.

Pouco tempo depois foi julgado como imperiosa necessidade a formação de uma esquadrilha, que estacionando nas aguas do Uruguay evitasse o exito de qualquer successo offensivo sobre a fronteira.

Esta necessidade foi com effeito realizada quando menos precisavamos d'ella, e na occasião em que, mais a careciamos os po-

deres competentes mandarão desarmal-a e quando appareceu a invasão não tínhamos sequer no Uruguay um lanchão armado que ao menos hostilissasse o inimigo em sua passagem.

A villa de S. Borja, local considerado como porta do imperio, estava aberta ao inimigo, pois não tinha sequer um soldado de linha, e as forças que devião guarnecer a fronteira de Missões em sua maxima totalidade achavão-se cincoenta leguas distante do ponto de defesa, pois no momento mais opportuno estavam ainda em Sant'Anna do Livramento.

Assim, pois, quando a vanguarda do exercito invasor trocou seus primeiros tiros com os soldados da briosa guarda nacional missioneira, nós só tínhamos dois mil homens, mal fardados e sem munições, porque a tal estado tinha chegado a incuria, e tudo isto dava-se vergonhosamente em frente de um exercito superior a dez mil combatentes, senhor das tres armas emquanto nós possuimos apenas a de cavallaria, sem termos uma peça de artilheria, arma imprescindivel em semelhantes combates defensivos.

A 10 de Junho realizou-se a passagem e começou a invasão.

N'esse dia luctuoso o numero e mil recursos favoraveis ao invasor tornou inutil o invencivel denodo de nossas legiões, sem poder comtudo apagar com seu triumpho as epopeias de heroismo que nas margens do Uruguay criou a lança da tradicional cavallaria rio-grandense.

III

A these de que fomos encarregado para dar o parecer que apresentamos n'este momento á consideração da casa, foi formulada tão ligeiramente, que deixaria duvidas sobre nosso espirito em face das objecções que provoca sua redacção, se de todo ignorassemos o pensamento de seu autor.

Quanto á nós julgamos que o autor da these só teve em ideia saber se a invasão é justificavel em face dos elementos materiaes de que dispunhão as duas nações belligerantes no campo de batalha do Uruguay.

Tal é o espirito da these na nossa opinião, e entendendo-a como tal vamos assim responder

Se justo na accepção da palavra é tudo aquillo que oriundo da verdade é irmão gêmeo da razão e do direito, a realisação da invasão paraguaya na provincia é justificavel não só pelo lado material como pelo moral.

Pelo lado moral porque a invasão não podia nascer sem vio-

lencia da razão e quebra do direito como assim aconteceu.

A invasão não podia existir porque o terreno do sul do Brazil estava garantido pelo direito das nações, porque havia entre as potencias belligerantes o territorio neutro da republica Argentina que tinha negado passagem aos dois exercitos inimigos.

Perante as nações civilisadas a barreira criada pelo direito das gentes é mais inexpugnavel do que aquella que oppõe a força do canhão por mais favorecida que seja.

Olhando-se para o mappa da America logo ver-se-ha que a invasão seria um impossivel realizar-se, se para Lopes os principios mais inviolaveis garantidos pela civilisação moderna fossem obstaculos que tivessem força para demovel-o dos fins de seus audaciosos projectcs.

Assim foi que ella realizou-se, com a surpresa que inspirou a todos os povos cultos, ganhou terreno e conseguiu seus fins ante o olhar attonito do mundo indignado.

Sem razão sequer apparente, sem declaração de guerra, no dia 14 de Abril de 65 a esquadra paraguaya sulca as aguas do porto da cidade de Corrientes mostrando intenções de cordial amizade, e inesperadamente apodera-se desleal e traiçoeiramente dos vapores argentinos *Vinte Cinco de Maio* e *Guaqueguay* degollando suas tripolações inoffensivas diante de um ataque tão subito quanto inesperado.

D'esta fórma é que Lopes brutalmente atirára a luva á face que queria ferir; semelhante proceder julgamos que se acha reconhecido no espirito de todos que consideramos desnecessario commental-o.

No dia seguinte ao d'esse attentado contra a soberania de um povo, desrespeitado pelo unico facto de conservar-se neutro n'uma luta em que não convinha envolver-se, a cidade de Corrientes foi tomada por essa mesma esquadra unida a numeroso exercito ao mando do general Wencesláo Robles.

Desde este momento estava julgado de facto que a invasão triumphante no territorio argentino surprehendido, devia victoriosa pizar o solo brasileiro em face do povo tambem attonito e admirado.

A fronteira do Uruguay, cujas fortificações materiaes erão nenhuma, estava pois aberta á espada invasora desde que por terra cahira desfeita a barreira inexpugnavel do direito das gentes.

Que paiz por mais elementos de que disponha está livre de uma invasão que é excepcional na historia contemporanea e que veio abertamente ferir os principios livres e ideias adiantadas do seculo XIX?

Se moralmente a invasão é justificavel tambem o é materialmente.

Ninguém ignora hoje os recursos bellicos que possuíamos então nas margens do Uruguay no dia nefasto da passagem do inimigo em terras da patria.

Nas aguas do rio já dissemos não havia sequer um lanchão armado nem em sua barranca uma peça de artilheria, arma de incontestavel necessidade.

Para impedir a passagem de um exercito superior a dez mil homens, acalentados por um fanatismo sem exemplo, com uma disciplina que fazia do individuo — cousa, bem armados, dispondo de todas as armas necessarias, havia de nosso lado dois mil homens sem fardamento, sem disciplina, sem munições e sem armas, porque as de importancia além de serem diminutas não servião-lhe os cartuchos porque os que tinham erão de maior adarme que os canos das armas.

Comtudo em frente de tantas contrariedades e decepções não recuou a bravura e o heroismo da briosa guarda nacional missioneira, que disputou palmo a palmo o terreno e fez o inimigo retroceder no Passo de S. Borja.

O inimigo retrocedeu para voltar em maior numero, e dividindo sua gente para atacar diversos pontos, obrigou a nossa, que era em pequeno numero, a dividir a sua para a defesa.

O que aconteceu com esta manobra era o que devia succeder.

O numero devia suffocar a bravura, e esta recuar vencida deixando o inimigo passar.

Impedir a passagem estava escripto ser um impossivel, não se detem com frageis obstaculos a torrente impetuosa que desmorna o que encontra em sua passagem devastadora.

São as nossas convicções, taes as professamos aqui.

APELLES PORTO ALEGRE.

Porto Alegre — 1873.

O LEQUE DE MARFIM

(ROMANCE)

Á J. A. VASQUES

V

EUREKA

No dia seguinte o Dr. Alfredo acordou-se ás 11 horas e seu primeiro cuidado foi beijar o talismã que troucera do baile.

Depois de havel-o beijado cem vezes começou o moço a fazer algumas considerações sobre o procedimento que devia ter :

— Eu fiz mal em ter trazido, devia deixal-o no mesmo lugar onde encontrei. Algumas pessoas sabem que eu estive com elle, devo portanto fazer um annuncio. Mas, reconsiderou elle, depois de alguns momentos, se eu o fizer posso enttegar a qualquer um desconhecido que m'o vier reclamar, ficando eu em jejum quanto á sua dona. Não; é melhor esperar uns dois dias até que alguem da familia reclame pela imprensa. Assim a coisa vai melhor encaminbada; logo que eu veja o annuncio não me farei esperado e terei occasião de conhecer a mãosinha que impregnava de perfumes este mimo.

Todo o resto do dia esteve o doutor com o espirito preocupado com o magico leque.

De vez em quando ficava triste e melancolico; era quando passava-lhe pelo espirito a ideia lugubre de uma moça feia, já velha

e sensaborona; mas instantes depois voltava ao seu estado de expansão e sorrindo exclamava: É' impossível!

N'essa noite teve uma luta tremenda para conciliar o somno. A's vezes afigurava-se-lhe ver surgir d'entre as dobras do cortinado um rosto feio de causar horror; outras vezes era um anjo iluminado por uma aureola brilhante, sorrindo-lhe.

E assim adormeceu o sonhador.

Aos primeiros raios da alvorada o estudante despertou; abriu a janella e ahi esteve embebido na contemplação do espectaculo sublime da natura apenas esclarecido pelas pallidas cintas de luz da madrugada.

Meia hora depois de ter assistido a natureza ataviar-se de seus esplendores, e respirado uma atmosphera unguida dos mais gratos perfumes e ouvido a orchestra festival dos colleiros e pintasilgos, o Dr. Alfredo foi á porta da rua buscar os jornaes do dia.

Não esperou que os troucessem á cama como era de costume. Ancioso, impaciente estava por saber quem era a dona do leque.

Por isso alegre e satisfeito vinha elle subindo a escada com os tres jornaes da terra debaixo do braço.

Mal sentou-se abriu um e correu os olhos ligeiramente por elle; atirou-o ao chão; relanceou um outro e com um gesto de desespero amarrotou-o; abriu finalmente o ultimo com phrenesi; com o rosto amarrado, com os olhos a fugirem das orbitas, mas de subito, sorriu esfregando as mãos de contentamento.

Afinal achei! exclamou elle com mais enthusiasmo que o pobre siracusano no descobrimento não sei de que lei physica.

O annuncio estava concebido nos seguintes termos:

LEQUE PERDIDO

Roga-se á pessoa que por engano levou do baile que teve lugar na Germania um leque de marfim, o favor de entregal-o na rua de Bragança n. 423.

— Não sei... não sei quem mora ahi, di zia comsigo o doutor, quando sua mãe veio vê-lo.

— Minha mãe, não sabe me dizer quem é que mora na rua de Bragança n. 423, interrogou o rapaz ao beijar a mão da velha.

— Não sei... é algum alfaiate ou sapateiro?...

— Ora, minha mãe!... é a dona do leque...

— É o que tens com isto?! Manda logo a creoula levar.

— Um leque d'estes na mão da Eva...

— Embrulha n'um pedaço de jornal...

— Deixe estar, eu mesmo irei levar, atalhou o moço a con-

versação já bastante contrariado, e começou a morder o charuto, como se o pobre tivesse culpa de seus incommodos.

Depois do almoço sahio o rapaz todo em grande gala, como se fosse pedir alguma moça em casamento. Ia que era um mimo. Trajava calça e collete branco com cinco moedas d'ouro servindo de botões, fraque azul, chapéu branco de castor, luvas côr de perola, bengalinha de barbatana encastada de ouro, pince-nez, uma cadeia de valor e um par de botões de brilhante presos ao tope da gravata de azul ferrete.

Em um quarto de hora chegou o rapaz a casa tão desejada, onde se fazia ouvir o piano vibrado ao impulso de uma mão divina. Mal estremeceu o cordel da campainha, o criado appareceu, e sem mais demora abriu a porta da sala.

O piano emmudeceu, mas o doutor ainda pôde vêr a cauda branca de um vestido que se eclipsára pela porta entreaberta da alcova.

A dona da casa não se fez esperar e depois dos cumprimentos ceremoniosos dos salões e antes que elle dissesse o motivo que o trazia ali, começou:

— V. S. é o filho do Sr. Rebello?

— Sim senhora.

— Não o conhecia. E apesar de não saber o motivo que o trouxe aqui agradeço-lhe sobremaneira desde já a honraria que nos deu vindo á nossa casa.

— A delicadeza de V. Ex. me confunde. O que me traz aqui, minha senhora, é o leque de V. Ex. ou de alguém da familia.

— Ah! Ah! Ah! interrompeu D. Margarida a conversação, abençoado leque que nos distinguio com a sua presença entre nós!...

Levantando-se chamou da porta a sua querida filha.

— Olha, Alzira, o Sr. Dr. Alfredo Rebello teve a bondade de trazer o teu leque.

— Fico-lhe eternamente agradecida, disse a moça, saudando o cavalheiro e recebendo o leque encantado.

— Andava ancioso por saber quem o havia esquecido no baie sobre um consolo.

— E eu andava triste com a sua ausencia. Para mim é um objecto de valia. Se o perdesse guardaria comigo um eterno pesar.

— Acredito, minha senhora.

— Sobre elle já tenho chorado bastante... E' uma pagina da minha vida cheia de tristezas. E o rosto da menina pendeu como a flor do vallado ao anhelito ardente dos ventos do norte.

Depois de algum silencio a conversação variou alegre e expansiva sobre diversos assumptos. O doutor não tirava os olhos do

rosto mimoso da menina enquanto a matrona ria-se interiormente de contentamento vendo o rapaz cheio de atenções e cuidados para com ellas.

Quando elle retirou-se serião talvez 2 1/2 da tarde e isto mesmo porque o rufo dos pratos annunciou-lhe a hora do jantar.

VI

VISITA DO APARICIO A D. MARGARIDA

Quando o estudante sahio de casa de D. Margarida trouxe gravada no fundo de sua alma, a imagem peregrina de Alzira. Que vacuo, que solidão immensa sentio elle quando se vio longe d'aquelles olhos de fogo, mais negros do que o céo e mais brillantes que as estrellas!

O seu sonho encantado, o el-dourado que a imaginação ardente do poeta creára, estava ali, ao lado d'aquella mulher bella, como uma estatua que a mão do genio animou, e pura como a alma da criança acalentada aos seios maternos.

N'aquelle moço Alzira encontrou tambem o que quer que fosse de original; e sentio-se não apaixonada, mas captiva de seu modo e talvez mesmo de seu olhar.

N'essa tarde Alzira pensou mais de uma vez no Dr. Alfredo; muitas vezes embebida na ebriciz da scisma estremezia parecendo ouvir o metal de sua voz sympathica, outras vezes corava presentindo o olhar de D. Margarida fito em si, e como que querendo prescrutar o fóro intimo de sua alma.

Ao anoitecer a mãe e a filha estavam na sala quando baterão palmas. A moça levantou-se, quiz sahir da sala, mas estatelou ao lado do piano.

D. Margarida sorriu-se e foi abrir a porta.

— O Sr. Aparicio! Bons olhos o vejão!

— Ainda ante-hontem estive cá. Então como vai D. Alzira?

— Bem. E o senhor?

— Assim, assim... meio moido... hoje andei todo o santo dia a tratar de um enterro de um visinho... pobre homem! morreu miseravelmente... e para maior infelicidade vio-se abandonado nos ultimos momentos de vida pelos parentes, a quem o finado em outras occasiões fizera alguns beneficios e os encaminhára no commercio...

— O que quer Sr. Aparicio, este mundo é assim, disse sentenciosamente D. Margarida, enquanto a filha corria as mãosinhas mimosas no alvo marfim do teclado.

— Então o que nos conta de novo Sr. Aparicio? interrogou Alzira emmudecendo o piano, e com o rosto voltado para traz.

— Nada D. Alzira. Se não tivesse ido ao baile então teria muito que contar,

— A proposito. Sabe que achei o meu leque?

— Era da senhora. Não sabia... E o Dr. Alfredo cansado de procurar a dona do leque!... A senhora tambem sahio tão cedo...

— Fiquei doente...

— Não sabia mas... não mandou chamar ainda o medico, não me custa nada em ir vel-o.

— Amanheci melhor... obrigada.

— Mas diga-me, D. Alzira, como o leque veio parar nas suas mãos.

— O Dr. Alfredo, fez-nos o favor de trazer...

— Não gostarão d'elle?... E' um moço muito delicado.

— Tivemos occasião de apreciar esta manhã, respondeu a velha por si e sua filha.

— E' um excellente moço. Fiquei desde ante-hontem seu amigo... E depois sabe, não é tolo... falla o francez como um fraucez e dizem que entende de contabilidade como ninguem aqui na terra...

— Teve uma educação muito boa, accrescentou D. Margarida.

Ahi a conversação foi interrompida. A mão da menina resvalou sobre o teclado povoando o espaço das divinas harmonias de D. Pascoal.

O Aparicio era doudo pela musica, e por isso ficou mudo como um penedo, desde que o instrumento vibrou ao contacto d'aquellas mãosinhas mimosas.

Serião 11 horas quando o nosso personagem retirou-se depois de haver ceiado, duas chicaras de chá em companhia de uns biscoutos d'agua e não sei quantas fatias de pão de lot.

Continúa.

OS FILHOS DA DESGRAÇA

DRAMA POPULAR

EM

UM PROLOGO E QUATRO ACTOS

PERS●NAGENS

Bazilio
Fabio
André
Adriano
Arminio
Theodozio

Maria
Carolina
Carlota
Luiza
Um carceceiro
Operarios, crioulos, escravos, etc.

A ACCÃO PASSA-SE NA BAHIA

PROLOGO

Decoração. — Escriptorio de Bazilio. Portas lateraes ; duas janellas no fundo. Mobilia simples. No fundo á esquerda uma velha secretaria ; á direita uma pequena mesa e debaixo d'ella um lagarto cheio ; no centro uma outra mesa, tendo ao lado uma poltrona ; cadeiras aquí e ali, sem ordem.

SCENA I

Bazilio só, fechando a secretaria

Baz. — Abençoado dinheiro que das alegria ao mais triste coração ! E dizem mal de ti ! Loucos ! E' bom recebê-lo e melhor guardal-o. (*Tirando a caixa de rapé e sorrendo uma pitada*) Dinheiro, rapé e minha filha, eis as unicas alegrias que tenho n'este valle de lagrimas. (*Ourem-se passos no corredor*) Ahí vem o meu marujo. (*Olhando para a porta da direita*) Elle mesmo em carne e osso . . . Entre, amigo, entre.

SCENA II

O mesmo e o marinheiro André, que entra

AND. (*fazendo-lhe uma barretada*) — Como vai o patrão ?

Baz. (*cumprimentando-o amistosamente*) — E tu meu lobo do mar ?

AND. — Assim, assim . . . Aos negocios, que a escuna está a desferrar ancora. E então ?

Baz. — Fabio parte.

AND. — Veja lá o que quer o patrão, senão viro de bordo; que não serve a um homem estar a correr arvore secca de vela. Que o rapazola vai, já o sei, ha muito. . .

BAZ. — Olha que é negocio seguro. . .

AND. -- Seguro!? Patrão, se não quer marcar a rumo certo, atrello outra bolina.

BAZ. — De vagar, homem. . . Conversemos. A questão é de dinheiro, hein?

AND. — Olá! Dinheiro e uma cachopinha bem veleira é o sonho de todo o marítimo. Agora, sim, patrão, solte as rizes. boje a vela, e com vento em pôpa vou cabo-la-mar! Isto, sim, é que é fallar!

BAZ. (*indo á porta da direita observar se ha alguém*) — Vamos ao negocio. E's capaz de despachar-me o diabrete do rapaz no meio do mar, hein?

AND. — Se sou!? Vai a pique sem dar uma arfada, o juro, por Santa Barbara! Porém um cabo não labora bem, sem estar bem untado, patrão.

BAZ. — Não te dê isto cuidado. Escuta bem, a esparella ha de ser pouco mais ou menos assim. E' de noite. A escuna vai rompendo o oceano. O rapaz deve ter saudades da patria, e por isso deve ir espairecel-as á vista das ondas, olhando as estrellas, arrimado á amurada, entregando mil suspiros aos ventos. Já lhe conheço as baldas que podem produzir esses idiotas que chamão ali de poetas, porém nunca um homem são. Então. . . entendes, hein?

AND. — A bom entendedor meia palavra basta. Então, quando apenas o timoneiro fizer quarto, e não haja mais luz á bordo. . . quando o mar só esteja a marulhar d'encontro ao navio. . . então, se o tópo no convez, guindo-o nos braços e zás n'agua. . . O' patrão Bazilio, não é exacto?

BAZ. (*estendendo-lhe a mão*) — Aperta esta mão. Enchesteme as medidas, és de tino.

AND. — O tino de nada serve sem aproar para o porto das loiras.

BAZ. — Sim, sim. . . O dinheiro é sempre a melhor arma de guerra! O' poderoso dinheiro!

AND. — Que duvida! E' preciso que elle peze no jaleco: já vio o patrão Bazilio navio dar á vela sem ganhar frete?

BAZ. — Não ficaremos mal, se me aviaries de pressa com o negocio.

AND. — Não tenha cuidado, elle fica debaixo de minha escota.

BAZ. (*tirando uma carteira*) — Aqui tens um adiantamento

sobre teu trabalho; o resto has de recebê-lo em Hamburgo, se fielmente satisfizeres o compromisso.

AND. (*abrindo a carteira e contemplando o conteúdo com atenção*) — Vá como adiantamento, agora verá como mareio com vento á feição. (*Despede-se e sahe*).

SCENA III

Bazilio só, tomando uma longa pitada

BAZ. — Com que custo vou livrando-me de certos pezadelos! Também que loucura a minha! Porque condoi-me do rapazinho, quando fazia enlouquecer a mãe e encarcerar o pai?! Ah! fraquezas, fraquezas do coração que me custão tanto dinheiro e tantos desgostos! Estúpida falta de providencia!

SCENA IV

O mesmo e um escravo que entra

O ESC. — A familia do Sr Silva que deseja fallar-lhe.

BAZ. — A familia do Silva!? Bem, manda-a entrar.

O ESC. (*indo á direita*) — Minha senhora pôde entrar. (*Maria e sua filha Carolina entrão. Vestem de luto. O escravo retira-se.*).

SCENA V

Bazilio, Maria e Carolina

BAZ. (*comprimentando a*) — Como passa D. Maria! Como está o Silva?

MAR. (*commovida*) — Não o sabe ainda?!

BAZ. — Então este lucto?

MAR. — Por meu marido e dõs filhos.

BAZ. — Pobre Silva! Era um bom amigo. O cholera, não?

MAR. — Sim. Parece que Deus está contra nós, que até nem poupon as crianças.

BAZ. — E' castigo; a corrupção progride de dia em dia.

MAR. — E pelos peccadores soffrem os innocentes!

BAZ. (*que tem estado emtemplando-a attentamente, á parte*)
— Esta mulher é ainda um bom traste! (*Alto*) Mas D. Maria não ha que desacoroçoar. inda é moça e bella.

MAR. — Moça e infeliz... (*voz dorida*) e depois com este pobre anjinho para crear e educar, para dirigir-lhe os debeis passos e ensinar a seu coração os deveres de uma boa mulher e o culto a um Deus de bondade e misericordia.

BAZ. (*A' parte*) — Tentemos o assalto que a praça é fraca. (*Alto*) — Tem razão D. Maria, sem dinheiro é difficil viver. O dinheiro é a mola real da vida. o sangue de nossas veias, nosso Deus na terra, enfim nossas mais santas alegrias. (*A' parte*) Acariciemos a pecurrucha para agradar a mãe. (*Alto, tomando nos braços a pequena Carolina*) Que pena que minha filha esteja ausente! Então queria vel-as juntas, brincando, correndo, saltando, não é Carolina?

CAR. — Onde está Carlotinha?

BAZ. — A minha Carlota está n'uma chacara, meu anjo. (*Dá-lhe um beijo*).

CAR. — Porque?

BAZ. — Por causa do cholera, queridinha.

CAR. — Se tambem mamãi estivesse com Carlotinha, não estava triste. Pobre mamãi! O papai e os maninhos forão para muito longe. muito longe. Sr. Bazilio e mamãi chora e faz-me tambem chorar. Não é, mamãi?

MAR. (*á parte*) — Pobre orphã! Desditosa filha! (*Alto*) Sim, elles forão viajar... forão para sempre!

BAZ. — Deixe taes recordações dolorosas que hoje de nada servem.

CAR. (*acercando-se de Maria*) — Mamãi, elles voltão. Papai antes de ir. abraçou-me e disse Olhe, você não chore, que o Sr. Bazilio nos leva para onde está Carlotinha, não é Sr. Bazilio?

BAZ. — Sim, queridóca. (*A Maria*) Mas D. Maria, grande motivo a tronca a minha casa em semelhante oportunidade.

MAR. — O senhor o adivinha. Meu marido deixou todos os negocios enredados, de modo que n'uma epocha, como a de hoje, onde cada um cuida de si e nos doentes seus, tenho passado Deus o sabe como!

BAZ. — Pelo que vejo, grandes necessidades? (*A' parte*). Não, não, esta mulher não me serve, vai ser um sorvedouro de dinheiro... (*A Maria que tem a filha abraçada e se acha pensati-*

na) Então o Silva não pode fazer um pequeno mealheiro? Eu sempre julguei que elle tivesse alguma coisa de reserva.

MAR. — Nada deixou e hoje luto com mil difficuldades para viver... O aluguel da casa está atrasado, e hoje, hoje mesmo fui intimada para pagal-o sem demora, quando nem possuia um real. Desvairarei por momentos, quasi que enlouqueci, não sabia aonde devia lançar-me, em que porta bater para pedir ao menos uma esmola... Depois vi minha filha, cobri-a de baixos, invoquei o nome de meu esposo, e o céo apresentou-me uma taboa de salvação. Vesti-me, corri as ruas quasi desertas e cujo silencio é só interrompido pelo rodar do carro mortuario, e entrei aqui. O senhor, amigo de meu marido, não me deixará por certo morrer á fome e sem um abrigo que me ampare n'estes tempos calamitosos, tempos em que não encontro a mais simples costura, o mais insignificante trabalho.

BAZ. (*gravemente*) — Em que poderei servir-a, senhora?

MAR. (*supplice*) — Em que, pergunta-me?! Em tudo. Empreste-me algum dinheiro, acuda-me n'este momento critico de minha existencia, e quando a epidemia passar, eu terei forças e coragem para trabalhar e restituil-o por inteiro.

BAZ. (*fitando o tecto*) — Dinheiro!? Dinheiro?!

MAR. (*soluçando*) — Por piedade!... Olha, eu tenho uma filha, aquelle anjinho que ali brinca sem saber quanta dôr e desespero despedaç-me o coração!... Quem nega auxilio a uma mãe que soffre?

BAZ. — Senhora, a quantia que possuo actualmente não posso dispor sem grande sacrificio.

MAR. — Em nome de sua filha, da amizade que o prendia a meu marido, em nome de Deus que recompensa todas as boas acções, salve-me, salve-me! Veja minha pobre filhinha, é da idade da sua Carlota... O senhor tambem é pai...

BAZ. — É impossivel! já lhe disse. É impossivel! Não tenho fabrica de moeda. (*A' parte*) Vejão em que abysmo queria metter-me!

MAR. — Então nega-me?

BAZ. — Retire-se, minha senhora, eu não me canso dia e noite para desperdiçar o que ganho laboriosamente em verdadeiras prodigalidades... A senhora tem uma filha? Pois eu tenho tambem uma, e darei a ultima gotta de sangue para não vel-a derramar uma só lagrima. Não hei de por certo despil-a para vestir a sua. Quem faz isto?

MAR. — Basta, senhor... Eu nunca julguei que houvesse na terra corações tão empedernidos: hoje creio n'elles. (*Tira uma bolsa*) Aqui estão as joias da familia, preciosas reliquias, doces

recordações . . Para que fallar de recordações a um homem, cuja alma está fechada aos mais brandos sentimentos?! . . .

BAZ. (*interrompendo-a*) — Joias, disse?

MAR. — Sim, quero vendel-as.

BAZ. (*tomando a bolsa com avidéz*) — Se ha mais tempo me fallasse assim! (*Abrind: - i toma uma pulseira e uns brincos. Examinau'õ-os*). Sim, são de oiro. . . mas estas pedras serão brilhantes? Hoje ha tanta falsificação que nos vem do estrangeiro! Tantos processos que imitão quaesquer pedras preciosas! (*Espalhando o resto das joias sobre a mesa do centro*).

MAR. (*á parte, enquanto Bazilio as contempla absorto*) — Joias de meus dias de alegria, de meu noivado. . . adeus! adeus. O' não devo tocar-as mais, as mãos d'este homem, mancharão-n'as para sempre!

BAZ. (*voltando se rapido para ella*) — Mas este relógio não será de prata doirada?!

MAR. — Senhor, acabe com semelhante torturá.

BAZ. (*arranhando com a unha o relógio*) — Não. . . é realmente oiro. Bem Quanto valerá tudo isto? (*Calculando*) O feitiço nada vale. . . Talvez o oiro não seja de bom quilate. . . Hoje o ha com muita liga. . . Negocio feito a ôlho. . . bem. Se péreo d'um lado, ganho do outro. . . E' justa a indemnisação. (*A' Maria*) Offereço-lhe 200\$000 rs., minha senhora.

MAR. — Mas. . .

BAZ. — Se quizer, senão bata a outra porta, que faço muito em comprar-as.

MAR. — Dê-m'os, senhor. (*Bazilio reúne as joias, vai á secretaria no fundo e começa a contar dinheiro*). Meu Deus, que mal fizemos nós? Hontem tanta felicidade e hoje tantos infortunios! O' que eu tenha forças até o fim! . . . Minhas pobres joias! adeus! adeus! . . . Meu caro Antonio, perdôa-me. . . Se vim vendel-as, é que seu producto vai salvar a mim e a tua filha da fome e da miséria.

BAZ. — Tome, senhora, e se tiver mais d'esses penduricalhos por casa, não se esqueça de mim.

MAR. — Permitta Deus que eu jámais venha bater a sua porta. Carolina, vamos. . . (*Sahem*).

SCENA VI

Bazilio só

Baz. — Tudo vai bem. Que lucro! duzentos por cento sobre meus capitães! E digão lá que o Bazilio não sabe arranjar a vida... (*Tomando rapé*) Viver não é nada, o saber viver, eis a grande questão. Estamos em fins de 1856, e apesar do cholera-morbo, que gordas operações! Fabio parte para Hamburgo; fico livre de mais um phantasma no futuro... A minha ferraria, minhas fazendas, os escravos, os dinheiros sobre maiores penhores, tudo rende ás mil maravilhas... Tudo vai bem. E depois ainda o negocio com a mulata Luiza?! Bons tempos!... Quando estamos contentes sabe tão bem uma pitada do gostoso esturro! Sabe tão bem!

SCENA VII

O mesmo e Fabio (que entra pela direita)

Fab. (*triste*) — Meu pai!

Baz. — Hum! Já te disse que não me chames de pai... não o sou... Foste abandonado á minha porta, eis tudo.

Fab. — Para que tanta crueldade? Se tive pais desnaturados que tinham receio de corar ante uma misera criança, innocente de seus crimes, não achei por ventura no senhor o que me negava a maternidade? Sim, o senhor é meu unico pai, aquelle que eu conheço... Foi em sua casa que meus vagiões repercutirão, foi aqui que balbuciei a primeira palavra, recebi as primeiras caricias e ensaiei os primeiros passos... Aqui, senhor, está meu coração inteiro preso a cada recordação do passado, do meu doce e placido passado! Dezoito annos de vida que lhe devo, de que poderá dispor, porque são seus, só seus...

Baz. (*á parte*) — Quasi que me entorneço (*Alto*) Sim, chama-me de pai, pois hoje tambem é a ultima vez que estamos juntos.

Fab. — A ultima?! Triste verdade!

Baz. — Tu és moço, e eu vou já carregando trinta e oito ja-neiros. Vais para Hamburgo após a fortuna no commercio, sê

feliz, pois quem sabe, se quando voltares, me encontrarás ainda vivo?

FAB. — Deus não permittirá que meu unico amigo se vá do mundo sem eu abraçal-o inda uma vez, sem que eu lhe possa ser util em sua velhice e quitar-me assim do reconhecimento de que lhe sou devedor.

BAZ. — Agradecido. Assim o queira o céo... Mas... aos negocios. A escuna sempre parte hoje?

FAB. — Sim, querendo aproveitar o bom vento, ao meio dia levanta ancora.

BAZ. — Pois então, rapaz...

FAB. (*interrompendo-o*) — Porque não ha de chamar-me de filho? Acho tanta doçura em ouvir pronunciar esta palavra, que não ha de deixar de satisfazer-me no momento solemne de minha partida, quando vai começar uma tão longa e cruel auzencia, dias de constante soffrimento.

BAZ. (*impassivel e friamente*) — Seja... Meu filho, vou entregar-te o passaporte, as cartas de recommendação para a casa de Landmann & C.^a; bem como algum dinheiro para as primeiras despezas, quando lá chegares. Se soubesses que sacrificio faço em desprender-me de semelhante quantia! Os negocios vão tão mal! Actualmente tudo é dispenaio, tudo é gasto e nenhum lucro.

FAB. — Não, meu pai, não quero mais sacrificios. E' bastante o que já lhe devo. Não pagou já a viagem? Não me arranjou os papeis necessarios? Isto basta.

BAZ. — Não, eu quero que guardes mais esta lembrança. E até já. Ainda tenho que dar algumas ordens a respeito de teus aprestos de viagem. São quasi onze horas, e antes do meio dia deves estar a bordo. (*Sahe*).

SCENA VIII

Fabio só

FAB. — Emfim vou partir!? Partir! Deixar o lar que colheu-me na orphandade, a que me atirarão inditósos pais! Deixar a patria, a querida patria! Meu Deus! Como é terrivel! Quanto custa-me! (*Indo á janella do fundo*) Como está tão bello o céo! Nenhuma nuvem esgarça-lhe o azul transparente! Como as verdejantes collinas recortão os horisontes de minha cara provincia! Adeus, céos, raios, campinas e montes de meu berço! Adeus!... Mais

algumas horas e tudo se sumirá de meus olhos, ficando apenas n'alma doces e cruéis recordações, a saudade infinda!... Adeus! (*Voltando-se pensativo*) Também para que serve uma patria ao misero engeitado? Devo longe, sim... bem longe esquecer o theatro de meu opprobrio... (*Pausa*) E Luiza, e meu filho nascido na escravidão? Não devo vel-o, não teria coragem... E' mister partir e mais alguns annos terei a somma sufficiente para remil-o da miseria e do infortunio.

SCENA IX

Fabio e Luiza que entra

FAB. (*sem ve'z*) — Pobre Luiza! ser hoje livre e ver o filhinho ainda escravo, ter vontade de estreital-o contra o seio, beijal-o, e no entanto haver que deter-se ante o aspecto carrancudo d'um senhor.

LUI. — Fabio!...

FAB. — Luiza, tu aqui?

LUI. — Sim, vais partir, venho dizer-te adeus.

FAB. — Já sabes?

LUI. — Não vês-me aqui, não me ouviste dizer?

FAB. (*á parte*) — Pobre Luiza! (*Alto*) E nosso filhinho?

LUI. — Não tenhas receio por elle. Venho libertal-o. Suppliquei á caridade publica, e ella attendeu ás supplicas da mãe desgraçada. Nosso filho vai ser livre, livre para sempre!

FAB. — Puzeste. Luiza, ao pescoço de meu filho aquella cruzinha de prata que entreguei-te, ha tempos. Foi o legado que eu trouxe, quando abandonarão-me á porta do Sr. Bazilio.

LUI. — Sim, Fabio.

FAB. — Retira-te agora, meu pai não deve tardar aqui e desejo estar a sós com elle. Eu te esperarei a bordo. Vai despedir-te de mim.

LUI. — Sim, retiro-me e apenas realize a liberdade de Gabriel, irei ver-te. Até logo, Fabio. (*Suhe*).

SCENA X

Fabio só

FAB. — Luiza é mais forte, mais nobre do que eu, apesar da côr desprezível que cobre-lhe as feições. Ella soube arrostar a opinião, esmolar para comprar um direito que Deus concedeu a todos! E eu sentiria o rubor subir-me ás faces, e quem sabe opprobrio, se até soubessem que Gabriel é meu filho! Quão fraco e pusillanime me acho! Tenho reluctancia em partir, e no entanto devo obedecer!

SCENA XI

Fabio e Bazilio (que traz um embrulho)

Baz. — Deixa-te de tristezas. Tua felicidade está n'esta viagem.

FAB. — Deixo a alma aqui... Se eu pudesse ficar!... Meu pai, esta partida mata-me.

Baz. — Frioleiras! Eu que faço semelhante sacrificio, é para teu bem. Vai, e em breve estarás de volta; rico e respeitado.

FAB. — Porém custa tanto!

Baz. — E' sempre assim. Julgas que não succede o mesmo com os outros?

FAB. — E' preciso coragem...

Baz. — E has de tol-a, Fabio. E' o dote que quero dar-te. Os meus cabedacs pertencem á minha filha. Não achas justo?

FAB. — Sim, eu irei. Tem razão, meu pai. Perdôc-me. Quando competia-me agradecer o cuidado que toma por meu futuro, affligia-o.

Baz. (*entregando-lhe o embrulho*) — Eis teus papeis e o dinheiro. Embarca, que em breve serei contigo.

FAB. (*commovido*) — Agradecido... Até já, meu pai.

SCENA XII

Bazilio e depois Luiza

Baz. (*tomando rapé*) — Apre! Que se não me torno inflexível, perdia-se o negocio!

Luiz. — Senhor!

Baz. — Ah! É's tu, Luiza?

Luiz. — Sim, senhor.

Baz. — Como vais com os ares de liberdade!... Quem diria que, ha tres mezes, eras minha escrava?

Luiz. — Com a liberdade vou bem, senhor; e apezar d'isto soffro...

Baz. — Soffres?! É' verdade, estás mais magra.

Luiz. — Sabe ao que eu vim, senhor?

Baz. — Penso adivinhal-o. Trata-se de teu filho, não?

Luiz. — Sim, senhor; enquanto sou feliz na liberdade, elle geme no captiveiro.

Baz. — A culpa é tua. Porque não troucestes dinheiro para duas cartas de alforria?

Luiz. — O senhor recebeu por mim dois contos de réi se queria o mesmo por meu filho. Era muito, eu não podia, não posso ainda.

Baz. — Se não podes, menos eu. O interesse é teu. Reflecte e verás.

Luiz. — Onde está o meu Gabriel que de balde o procuro? Lembre-se que sou mãe... Meu pobre Gabriel, onde estás?

Baz. — Não o verás, Luiza, já te disse, enquanto não me trouceres o dinheiro.

Luiz. — Eu sou mãe, elle é meu filho. Se tirassem ao senhor a sinhá Carlotinha...

Baz. (*interrompendo-a*) — Elle é meu escravo, como tu o eras, ha tres mezes, e eu sou o senhor com plenos direitos sobre a minha propriedade.

Luiz. — Que coração de homem! Lembre-se que tem tambem uma filha, e que um dia poderião arrancar-a d'entre os braços...

Baz. — Luiza, se trazes dinheiro, levas Gabriel, senão retirar-te, que de lamurias já estou farto. Eu sei que fizeste uma subscripção, e tiveste pelos teus bellos olhos uma colheita satisfactoria...

Luiz. — Ah! já sabe? Seguia meus passos?... Que fome de.

dinheiro! Que ganancia! Dê-me, Gabriel, meu pobre filhinho!.. O senhor é um homem sem coração, um usurário...

Baz. (*ameaçador*) — Luiza!

LUI. — Eu tenho os dois contos, metade d'esta quantia esmolada de porta em porta, metade emprestada... Dê-me a carta de alforria de meu filho... quero leval-o d'aqui...

Baz. — Vieste emfim ás boas. N'um instante tudo está prompto. Trazes o dinheiro?

LUI. — Tenho-o comigo.

Baz. — Conforme. (*Vai á mesa do fundo e começa a escrever*)

LUI. — O' meu Deus, se eu pudesse arrancar-o das mãos d'este unhas de fome, sem gastar nada, hoje partiria com Fabio! Com Fabio, tão bello e bom, tão amante e fraco!... (*Tirando de sob o vestido uma bolsa, contemplando-a*) Eu te agradeço, vais libertar ao meu lindo Gabriel... Mas... meu Deus, que sinto! meus olhos se turvão...tenho febre... (*Levando a mão á fronte*) Que calafrios por todo o corpo!... Que frialdade nos ossos!... Tenho câimbras! (*Gritando*) Ar!... Ar... Sr. Bazilio... Sr. Bazilio...um medico...é o choiera! (*Lança-se sobre uma cadeira. A bolsa cahe-lhe das mãos*).

Baz. (*fechando as portas e janellas*) — Não é nada, Luiza, nada absolutamente. (*A' parte*) Isto é que é um lucro a dois carrilhos!

LUI. (*em agonia*) — Meu filho!... Meu filhinho do coração!... A carta?... A carta? O' eu morro! (*Em ancias de vomito*)... Um medico... Meu filho!... Que morte!

Baz. — Gabriel nasceu para ficar escravo. Ha de sel-o, Deus o quer.

LUI. (*fazendo um esforço supremo, levantando se a meio sobre a cadeira*) — Ladrão! A carta?...meu filho!...Ai! (*Cahe inanimé*).

Baz. (*collocando-se por detraz da cadeira em que está Luiza, com a bolsa n'uma das mãos e os olhos voltados para o céu*). — Senhor, tua vontade está cumprida... Resolves o problema de meu engrandecimento futuro.

FIM DO PROLOGO

SEMPRE SONHOS

Quando de tarde o olhar embevecido
Descansa nas paisagens mercenórias
De um sonho que passou,
Enla vejo-te, ó luz da primavera !
Melindrosa visão, lyrrio da encosta
Que cedo desfôlhou.

Ao longe sempre, qual singela prece,
Ergue-se ao céu o canto sonoro
Das aves do sertão.
E rolão sobre o val as gottas tumidas,
Orvalho que de um céu ruho se escoo
Nas rosas do verão.

Que imagem ! talvez mesmo agora ainda
Passe nas orlas das ethereas nuvens
Sua alma varonil :
Seismando triste nos formosos dias
Em que tangendo accordes sonoros
Frisava o arrabil.

Talvez sandosa em carmes suspirosos
A pomba jurity falle nos cantos
D'essa rubente flor :
E cada estrella que ao levante se ergue
Seja a lettra brilhante de uma estrophe
Do poema de amor.

Escreve-o o oceano nas espumas
Sobre a praia arenosa em frias noites
De estrellado matiz :
E o traduz sobre a encosta o pegureiro
Na frauta suspirosa que delira
Nos cantos juvenis.

Talvez escreve-o Deus na voz da noite.
Quando a orchestra desata-se tremente
Nos loucos escarcéos :
E murmura-o a brisa nos folguedos
Entre as violetas que se escondem bellas
Nos perfumosos véos.

Eu sei ! Em cada voz da natureza
Que suspira de amor ou de saudade
Nas petalas da flor,

Fu leio esse poema! na alvorada,
No ciciar da brisa, na floresta,
Em tudo eu leio amor!...

AMALIA FIGUEIRÔA.

THEREZA

I

Na beira da estrada ficava a casinha
Da bella Thereza... que ninho de amor!
Thereza, a formosa, que sempre sostinha
No labio um sorriso, na trança uma flor!

A mãe, pobre velha! só tinha essa filha
A quem difundia das creanças a luz;
A' noite resavão na mesma cartilha
Perante uma imagem do Christo na cruz.

Quando eu ia às vezes passar-lhes na porta
E dava os « bons dias » ao anjo de amor,
A bella Thereza corria na horta
E vinha contente trazer-me nma flor.

E eu baixo dizia : que os céos te protejão,
Formosa creança! te cubrão de bens!
Os males da terra teus olhos não vejão,
Nem sintas da fronte murchar' as cecens!

E nunca uma nuvem de leve desgosto
Turbava a existencia da fada gentil:
As rosas da infancia brilhavão no rosto,
Brilhavão nas tranças as rosas de abril.

II

Um dia, a desgraça p'ra longe arrojou-me...

E em plagas remotas vaguei a chorar ;
Per climas estranhos ninguém lamentou-me,
Ninguém nas angustias me quiz consolar.

Vivi no desterro soffrendo amarguras
Sem preces maternas, sem prantos de irmã ;
Envolto n'um manto de sombras escuras,
Sem ver d'entre as nevoas romper a manhã.

Passarão-se annos... Volvendo a meus lares
Achei um conforto no seio dos meus ;
E então de meu peito banindo os pezares
Dei hymnos ás flores e preces a Deus.

Quiz ver a Thereza do tempo da infancia...
Thereza, a dos olhos brilhantes de luz,
Dormia dos mortos na funebre estancia...
Dormia e sonhava talvez com Jesus !

Ai, pobre Thereza ! tu flores me davas
Como um testemunho de candido amor ;
Em paga das flores, que tanto presavas,
Eu venho hoje dar-te meus prantos de dôr.

Os prantos são flores, que d'alma rebentão
E vão desfolhar-se no pó da illusão,
Mas cujos perfumes os restos aquentão
Dos entes queridos na triste mansão.

E é d'essas flores que eu venho, Thereza,
Teecer-te as grinaldas sinceras de amor...
Descansa, alma pura, de infinda belleza,
Nos paços eternos do eterno Senhor !

DAMASCENO VIEIRA.

UM AMOR

(SONHANDO)

I
M eu anjo, querida,

De branco vestida
Onde é que tu vais ?
Não levas um véo ?

Não vês que o teu céo
Tem nuvens fataes ?

Ferrenha cadêa
Teu pulso arroxêa ;
Tem medo, recua !
E's forte. . . me chamas ?
Teu pranto derramas ?
Me dás a mão tua ?

Pois bem : no meu peito
Te inclina, sujeito
Me vejo ao amor,
Quaes são teus almejos ? . . .
Recebe os meus beijos
Tão cheios de ardor.

II

No mais terno abraço
Formamos o laço
Da nossa união ;
Sensível hateu
Feliz junto ao teu
O meu coração.

Mas é que tremias,
Chorosa gemias,
Na duvida, afflicta ;
Ha pouco que ousada !
Agora prostrada
Temendo a desdita.

Não temas, querida,
Ditosa na vida
Serás em meus braços ;
De rosas formados
Nos prende' apertados
Os mais doces laços.

III

Em ardente anccio
Recebe em teu seio
Todo o meu amor ;
Em mim confiaste,
E as juras quebraste
Do casto pudor.

Que mais eu queria
Que triste vivia
Em ancias, afflicto ?
Meu agor penar
Podeste trocar
Por goso infinito.

Mas, anjo travesso,
Si eu tanto apeleço
Teus mimos de amor,
Não vês que a teu peito

Tem « outro » direito
Severo senhor ? . . .

IV

Agora já posso
Dizer-te que é « nosso »,
Commum o destino ;
Não tenho receio
De ver de perneio
O monstro terino !

E como me é grato
Fazer-te, o retrato !
Não perco um instante.
Perfil gracioso
O pé mais mimoso.
Da fada, ta'ante.

Olhar vivo, ardente,
A bocca contente.
As faces de rosas.
Quem bem contemplar-te
Por forza ha de amar-te
As fórmas graciosas.

V

Não foi a vaidade,
Banal levandade,
Que o peito guou-me.
Tu foste uma estrella
De esp'rança tão bella
Que o fado mostrou-me.

Teu gesto, teu riso
Era um paraíso
Aberto á minha alma.
Me era preciso
Int'resse mais vivo,
E a vida mais calma.

Si os ferros romper,
P'ra mim só viver
Podesses, meu bem ? ! . . .
Com pura alegria
De certo não t'ria
Inveja á ninguém.

VI

Meu anjo, querida,
De branco vestida
Já sei onde vais.
Contigo arrehas
Minha alma, desatas
Os grilhões fataes.

Não ha empecilho,
No céu terno brilho
P'ra nós radiou;
Celeste, aureo manto
Com rutilo encanto
Nossas almas junton.

Não somas da terra,
Receios desterra
Quem habita o céu;
Os anjos gostosos
Em edro cuidados.
Nos cobrem c'um véo.

DR. VALLE CALDRE E FIAO.

Março 12 de 1814. Porto Alegre.

CHRONICA

Teve lugar no dia 31 o 11º sarão do « Parthenon », e como sempre foi a reunião immensamente concorrida.

Occupou a tribuna das prelecções nosso distincto amigo Hilario Ribeiro.

Mais de uma vez o auditorio sentio-se arrebatado, ao ouvir a sua palavra fluente e cheia de verdade e patriotismo.

No seu enthusiasmo de moço e de patriota vimos mais de uma vez cahir de seus labios a phrase enérgica para ferir a instrucção e o governo de todos os tempos que não tem cumprido o seu dever e nem correspondido ás mais legitimas aspirações de um povo que vive e envelhece desconhecendo os seus mais sagrados direitos.

E' que do alto d'aquella tribuna não fallava apenas uma individualidade; era a voz de uma associação doutrinaria, era a sentença que uma mocidade ativa lavrava contra os erros e a incuria do passado, e já finalmente um appello feito ao presente em nome do futuro.

Nós que não perdemos uma só das palavras do illustrado preleccionista sentimos, que o espaço diminuto da « Chronica, só nos permita consignar as poucas linhas que temos escripto, ainda sob a doce impressão de uma oração facile e brilhante.

A secção lyrica do sarão foi abrilhantada pelas Exm.^{as} Sr.^{as} D. Maria José de Menezes, D. Maria de Mesquita Neves e D. Patricia Vieira de Lima e a parte musical pelos Srs. socios Stott e Argemiro Galvão.

Recitarão com sentimento trabalhos litterarios as Exm.^{as} Sr.^{as} D. Florisbella Leite de Castro, D. Felisberta de Lima, D. Agostinha Vieira de Souza e os socios Mucio Teixeira, Torres, João Moreira da Silva e Souza Motta.

— Escola militar. Installou-se no dia 24 este importante estabelecimento de instrucção n'esta capital.

O dia 24 de Maio, que marca una das datas mais memoraveis do nosso paiz, não podia ser commemorado mais brilhantemente do que o foi.

Nós em nome do « Parthenon » saudamos pois a mocidade da escola militar e desejamos-lhes tantos louros nas conquistas das ideias quantos a espada tem colhido para a nossa patria na arena dos combates.

ACHILLES PORTO ALEGRE.